



ARTE E PORNOGRAFIA: EMBATES DISCURSIVOS EM MATÉRIAS ACERCA DO CLASSIC NUDES

ART AND PORNOGRAPHY: DISCURSIVE CLASHES IN ARTICLES ABOUT CLASSIC NUDES

Emilly Monique Oliveira SILVANO¹

Claudiana Nair Pothin NARZETTI²

RESUMO

Este artigo analisa discursos acerca da pornografia em dez matérias de jornais e revistas que noticiaram o encontro que se deu entre instituições artísticas e o site de pornografia Pornhub, por meio do projeto chamado *Classic nudes*, que reuniu diversas obras que retratam o corpo nu e, partir disso, desenvolveu vídeos de conteúdo sexual explícito. Para fazê-lo, observamos como os enunciados da esfera jornalística, artística e pornográfica receberam o projeto e avaliaram o conteúdo pornográfico, isso por meio da Análise Dialógica do Discurso e pelo estudo do discurso pornográfico. Constatamos que as matérias revelam o embate não apenas entre os museus e galerias e o Pornhub, mas o conflito entre discursos centrípetos que concebem a pornografia como “pervertida”, delegada aos espaços privados, como conteúdo lucrativo; e os discursos centrífugos que tendem à pluralidade discursiva que se direciona para a pornografia em espaços oficiais e como parte da história clássica.

PALAVRAS-CHAVE

Pintura de nus; museus; pornografia; discurso.

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas. Mestranda Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: emillymonique.oliveira@gmail.com.

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: cn.narzetti@gmail.com.



ABSTRACT

This article analyzes discourses about pornography in ten articles from newspapers and magazines that reported the meeting that took place between artistic institutions and the largest pornography website, Pornhub, through the project called Classic nudes, which brought together several works that portray the naked body and, based on this, they developed sex videos as a way of revealing the sexual intentions of the painters and works. To do so, we observe how the concrete utterances of the journalistic, artistic and pornographic sphere welcomed the project and evaluated the pornographic content, through Dialogical Discourse Analysis and the study of pornographic speech. We found that the articles reveal the clash not only between museums and galleries and Pornhub, but the conflict between centripetal discourses that conceive pornography as “perverted”, delegated to private spaces, and as lucrative content; and the centrifugal discourses that tend to discursive plurality that are directed towards pornography in official spaces and as part of classical history.

KEYWORD

Nude paintings; museums; pornography; discourse.

INTRODUÇÃO

São diversas as teorias que se dedicam ao estudo da linguagem, e cada uma dessas apresenta perspectivas singulares acerca de seu sistema e funcionamento. Neste artigo, direcionamo-nos às teorias do discurso que, mais ou menos por volta dos anos de 1960, dispuseram-se a repensar as articulações entre discurso, sujeito e sociedade (GREGOLIN, 2006). Nesse momento de enfrentamento e rupturas com o paradigma estruturalista, da segunda metade do século XX, foi um fator que possibilitou a recepção e divulgação de obras que tratavam a linguagem não somente como sistema, mas, antes, através dos índices sociais de valor, a língua como materialidade discursiva-ideológica. Em uma época recém abalada pelos nefastos discursos autoritários e revigorada por discursos revolucionários, pensar a linguagem como meio sensível por onde inscreve-se a história passada e futura de



uma sociedade, portanto, por onde podemos compreender o sujeito e suas formas de se relacionar no e com o mundo, foi algo que chamou a atenção dos pesquisadores, principalmente na França, a partir de onde as obras do Círculo de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev alcançaram o mundo ocidental.

É através dos trabalhos do Círculo de Bakhtin, que no Brasil desenvolve-se também como uma Teoria/Análise Dialógica do Discurso, que analisamos a linguagem e sua natureza sócio-histórica, especificamente em enunciados concretos advindos de notícias de jornais, revistas e blogs, que noticiaram as repercussões de um encontro entre o mundo das Artes e a Pornografia, nomeadamente, entre museus e galerias de artes, principalmente europeus, e o site Pornhub.

A partir disso, observamos que o diálogo entre as instituições de artes e o Pornhub que se construiu através de discursos acerca da pornografia, por um lado, são contrários à ideia da ligação entre a obra de arte e a pornografia; por outro lado, destacam a orientação inerente da representação do corpo nu ao conteúdo erótico e pornográfico.

Tal *corpus* nos serve como possibilidade de ler alguns contornos da extensa e contraditória história da pornografia que até hoje se apresenta como uma temática que suscita tabus e resistências. Além disso, propomos novas *corpora* aos analistas do discurso de variadas vertentes teórico-metodológicas que investem na análise das representações sócio-culturais da realidade concreta.

Nosso artigo é dividido em duas partes, na primeira tratamos da base teórica que é a Análise Dialógica do Discurso e o discurso pornográfico; na segunda analisamos os desdobramentos do encontro entre a Arte e a pornografia, o posicionamento da imprensa, a descrição da série *Classic*



nudes, a investida da pornografia no material artístico e a recepção do projeto para as instituições de artes.

1. REFERENCIAL TEÓRICO: ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

A Análise Dialógica do Discurso, doravante – ADD, é uma proposta de teoria/análise que nasce a partir das releituras de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que se debruçam sobre o conjunto dos textos do grupo que ficou conhecido como Círculo de Bakhtin desde os anos 70 no Ocidente, com destaque para as obras de Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin Volóchinov (1895-1936) e Pável Medviédev (1892-1938), que vêm sendo traduzidas desde então.

Em 2006, Beth Brait (2006, p. 10) em seu artigo “Análise e teoria do discurso”, aponta que não se pode conceber essa teoria/análise de forma fechada e finalizada, visto que isso deformaria a sua essência, pois seu “embasamento constitutivo” está na “indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida e responsável”.

No contato inicial com seu objeto, uma pesquisa da relação entre língua, história e sujeito encarnada no discurso, embasada na ADD, não deve restringir-se à ótica de conceitos e métodos predefinidos, mas, primeiro, observar o que o próprio *corpus* fala e exige em sua análise. Por isso, a pesquisa deve visar compreender na verdade a “forma de produzir sentido” daquele discurso em particular (BRAIT, 2006, p. 24). Para tanto, vejamos mais como a teoria se desenvolve e nos guia segundo a concepção de análise dialógica.

O discurso como objeto de estudo, segundo Bakhtin (2016, p. 28), “só pode existir de fato na forma de enunciados concretos”. Isso ocorre porque



ele está na fronteira entre a língua e a vida, uma penetrando a outra pelos enunciados produzidos. Bakhtin (2016) define o enunciado como a realidade concreta de uso, oral e escrito, da língua. De natureza singular, cada enunciado é desenvolvido a partir de um gênero discursivo, que são formas mais definidas dos enunciados, e é por meio deles que se organizam e há possibilidade de comunicação entre os variados campos da atividade humana.

Todo gênero do discurso possui três elementos de constituição, a saber, o conteúdo temático, o estilo da linguagem e a construção composicional que são regulados conforme as “condições específicas e as finalidades de cada referido campo” (BAKHTIN, 2016, p. 11), pois cada campo elabora seus gêneros discursivos que podem ser primários – aqueles que têm maior contato com as condições imediatas da comunicação, como conversas cotidianas – ou secundários – aqueles que são mais complexos devido à formação em condições culturais mais bem desenvolvidas e estáveis, como o romance. Isso se deve ao seu movimento de refletir e refratar, isto é, interpretar a realidade próprio de cada “campo da atividade humana”, como chamou Bakhtin (2016), ou “esfera da criação ideológica”, como chamou Volóchinov (2017), ou simplesmente pela ideologia, como colocou Grillo (2006). Esta seria “um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo” (GRILLO, 2006, p. 143). Portanto, podemos conceber cada campo/esfera em sua natureza e funcionamento próprios, sendo caracterizadas principalmente por se constituírem de signos ideológicos (VOLÓCHINOV, 2017). Estes, por sua vez, no processo de reflexão e refração do mundo real, podem ser-lhe fiel, assumir um ponto de vista específico sobre ele, ou até mesmo distorcê-lo.



Assim, no universo da superestrutura, seguindo uma terminologia marxista admitida nos textos do Círculo, a Ideologia é dividida em esferas de criação ideológica (ou campos da atividade humana), como as artes (e em seu interior, a literatura), a política, o direito, a ciência, o jornalismo etc. É a partir de cada uma que os sujeitos acessam o mundo, interpretam-no, compreendem-no, em suma: dão sentido a ele; conseqüentemente, produzem-se diferentes horizontes axiológicos (FARACO, 2009).

O encontro da palavra ou do discurso com o mundo real, no entanto, não se dá de forma tão simples. O enunciado a respeito de qualquer objeto sempre o encontrará já avaliado, contestado, polemizado. Como explica Bakhtin (2015), o objeto é envolto como que por um véu, tecido por vários fios discursivos: o encontro, na verdade, se realiza entre o discurso e várias camadas de outros discursos sobre aquele mesmo objeto. Nesse “meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, [esse enunciado], entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros” (BAKHTIN, 2015, p. 48) – tudo isso irá definir seus aspectos semânticos. Além disso, nesse processo o discurso irá esbarrar em discursos aceitos e negados, prestigiados e rejeitados, e até mesmo aqueles que não nos são dados por completo, mas impostos pelas ideologias soberanas que não possibilitam uma compreensão ativa e responsiva, mas submetem a uma compreensão passiva – sem abertura para contestações. Bakhtin (2016, p. 54) analisa que

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época, e



em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em roupagens verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. Sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos ‘senhores do pensamento’ de uma época verbalmente expressas (BAKHTIN, 2016, p. 54).

O enunciado, dessa forma, está sempre na tensa dualidade da vida da língua. Aqui referimo-nos não à língua sistemática e unificada, mas à língua “*ideologicamente preenchida*” (BAKHTIN, 2015, p. 40, destaque do autor). Esta língua, a de uso real e concreto, por um lado é regida por forças centrípetas que “são as *forças da unificação e centralização* do mundo *verboideológico*” (BAKHTIN, 2015, p. 39, destaque do autor); e, por outro lado, pelas forças centrífugas, que desenvolvem “incessantemente os processos de *descentralização e separação*” (BAKHTIN, 2015, p. 41, destaque do autor) no ambiente signífico. Bakhtin (2015, p. 42) considera que cada “enunciação concreta do sujeito do discurso é um ponto de aplicação tanto das forças centrípetas quanto das centrífugas”, e mais, essas mesmas forças atuam na consciência humana. Faraco (2009), na esteira de Bakhtin, relaciona as forças centrípetas às consciências mais monológicas; e, em oposição, as forças centrífugas às consciências multidiscursivas.

Tudo isso ocorre e se materializa nos signos ideológicos, que, “por sua vez, são constituídos no processo de interação social em que os interesses das diversas classes sociais direcionam o processo de construção das representações materializadas na palavra” (GRILLO, 2017, p. 55).

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência por seu caráter de signo neutro, o que possibilita ser assumida e (re)direcionada para qualquer função ideológica. Nos enunciados concretos, sejam os produzidos na esfera do cotidiano, sejam os produzidos nas esferas mais sistematizadas



da criação ideológica, a palavra é marcada pela acentuação valorativa (FARACO, 2009) que ganham dos discursos centrípetos ou centrífugos (VOLÓCHINOV, 2017). Ou seja, o acento valorativo que cada palavra recebe e, conseqüentemente, a entonação do falante se dão a partir de e em relação com a avaliação social sobre determinado discurso, a partir de como ele é e foi tratado ideologicamente. Assim constitui-se o dialogismo presente em cada enunciado de “diferentes sujeitos sociais, que, em espaços e tempos diversos tomam a palavra ou têm a palavra representada, ressignificada” (MARCHEZAN, 2006, p. 128).

Para finalizar, o estudo das materialidades de uma língua sempre será um trabalho complexo, pois trata-se de “objeto[s] de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sociohistórico” (BARROS, 2003, p. 1). É a partir do estudo da palavra, que para o Círculo é a arena onde se desenvolve a luta de classe (BARROS, 2003), que podemos observar a dialética interna de discursos que muitas das vezes são julgados como inconciliáveis. Sendo assim, pelo exame desses discursos podemos visualizar as tendências ideológicas centrípetas ou centrífugas que orientam cada manifestação da linguagem.

2. O DISCURSO PORNOGRÁFICO: ENTRE PORNOGRAFIA E EROTISMO

No âmbito do grande campo da Análise do discurso, encontramos uma abordagem discursiva da pornografia e conceitos correlatos na obra *O discurso pornográfico*, de Dominique Maingueneau (2010). Este é um dos poucos trabalhos no campo dos estudos da linguagem que trata das origens, definições e manifestações da pornografia nas sociedades modernas. Seu



foco se dá na materialidade da literatura, mas destacamos a contextualização e apontamentos sobre a história da pornografia.

Como apresentou Cé e Pizzinato (2013), a pornografia tem se construído num estado de ambiguidade: enquanto, por um lado, é categoricamente excluída e delegada à zona do imoral, por outro lado, seu o consumo e sua produção crescem cada vez, principalmente por meio dos avanços tecnológicos. Na mesma perspectiva avaliou Ferreira (2011, p. 47), para quem a pornografia constitui-se como “uma tópica que, historicamente, revela-se atravessada por disputas sobre os elementos positivos e negativos da sociedade e do homem na modernidade”. No entanto, nem sempre a pornografia foi esse objeto contraditório.

Como Souza (2019) apresenta, acerca da reconstrução do percurso da história da pornografia na literatura, mas que se aplica a outras formas discursivas, cada sociedade e cultura representam de determinada forma a sexualidade, havendo períodos em que essa relação era aceita e explorada livremente.

Primeiramente temos suas origens na Antiguidade greco-romana, onde sua execução tinha espaço e era aceita, e acontecia não somente na literatura, em especial nos gêneros de comédia (SOUZA, 2019), mas também na pintura, de onde, inclusive, deriva o termo *pornographia*, que no grego antigo remetia-se ao gênero pictórico que se ocupava da representação das prostitutas (MAINGUENEAU, 2010, p. 13).

A intolerância às obras pornográficas e eróticas foi mais enfática a partir do Renascimento, no século XVII, com a reforma protestante. No entanto, contrário a essa ideologia religiosa, a ideologia libertina, que foi calcada na profanação religiosa, ganhou projeção. No século XVIII, mesmo



com a veemente repressão político-religiosa, a pornografia cresceu, porém, esse consumo e produção situava-se na marginalidade (SOUZA, 2019). No século XIX, o quadro não muda, inclusive, é nesse momento que o termo pornografia surge, e progressivamente “a referência à prostituição desapareceu, e ‘pornografia’ veio a designar qualquer representação de ‘coisas obscenas’” (MAINGUENEAU, 2010, p. 13). Um sentido que ainda hoje se faz presente, “tanto quanto no século XIX, a ‘pornografia’ é, ao mesmo tempo, uma categoria que permite classificar algumas produções semióticas (livros, filmes, imagens...) e um julgamento de valor que desqualifica” (MAINGUENEAU, 2010, p. 14). No entanto, classificar algo como pornográfico frequentemente é baseado em critérios relativos, conforme esclarece Maingueneau (2010, p. 14) em relação, por exemplo, à literatura: “a fronteira entre o lícito, o ilícito e o tolerado sempre foi flutuante”. A televisão, por sua vez, recorre à classificação etária, o que envolve também os parâmetros do aparelho judiciário, que controla a produção e circulação de filmes, fotos, livros, revistas etc. que se constroem através das práticas semióticas do dispositivo pornográfico (MAINGUENEAU, 2010).

Conforme Maingueneau (2010, p. 18), a pornografia não se constitui como um gênero propriamente, mas como um tipo de discurso, que, como qualquer outro, “recobre, em determinada época e para uma sociedade dada, diversos gêneros”. Assim, o dispositivo pornográfico pode ser admitido em diferentes gêneros discursivos.

Avançando na definição da natureza do discurso pornográfico, Maingueneau (2010) faz uma distinção entre discursos tópicos e paratópicos. O primeiro trata-se dos discursos de senso comum que, para terem alguma garantia, servem-se dos discursos paratópicos, pois estes são discursos



superiores aos populares, têm credibilidade, como o discurso religioso, o discurso literário, o discurso científico etc. A pornografia, nesse sentido, não se encontra em nenhum desses dois tipos; ela é classificada como um discurso atópico, junto com outras práticas. O discurso pornográfico vive, muitas vezes, como discurso à margem.

Uma das formas de deslegitimar esse discurso é contrapondo a pornografia ao erótico. Se há uma diferença entre essas duas práticas, essa diferença é uma linha tênue, visto que o erotismo pode ser considerado como uma pornografia mais recatada, velada, enquanto cabe à pornografia revelar e escancarar tudo. Ainda assim, segundo Maingueneau (2010), é difícil projetar totalmente uma pornografia longe do erotismo. O autor considera que

A distinção entre pornografia e erotismo é atravessada por uma série de oposições, tanto nas afirmativas espontâneas quanto nas argumentações elaboradas: direto *vs.* indireto, masculino *vs.* feminino, selvagem *vs.* civilizado, grosseiro *vs.* refinado, baixo *vs.* alto, prosaico *vs.* poético, quantidade *vs.* qualidade, chavão *vs.* criatividade, massa *vs.* elite, comercial *vs.* artístico, banal *vs.* original, unívoco *vs.* plurívoco, matéria *vs.* espírito etc. (MAINGUENEAU, 2010, p. 31).

Por essas fórmulas, percebe-se que a sexualidade expressa pelo erotismo é muito mais aceita e compatível com os valores da sociedade moderna. Enquanto “os termos erotismo e erótico aparecem com referências às representações do corpo em sentido elevado, a pornografia faz menção ao vulgar, indicando uma dicotomia na forma de pensá-lo” (FERREIRA, 2011, p. 47). Tal dicotomia, ainda conforme Ferreira (2011, p. 48), é o que suporta “a noção de um conflito entre uma sexualidade normal e outra, desviante”.

Ainda assim, as duas práticas coexistem, e a existência de uma não anula a outra. A comparação para sugerir uma superioridade não lhes constitui



internamente e muito menos influencia a qualidade avaliada segundo critérios de cada produção (MAINGUENEAU, 2010). O que ocorre é o uso dos acentos valorativos, conforme vimos na teoria bakhtiniana, que direciona e aciona as forças centrípetas ao erotismo e as forças centrífugas à pornografia, o que gera um embate no plano discursivo entre essas duas palavras. No entanto, essa distinção revela apenas o nível superficial do encontro desses signos. Acreditamos que o ápice desse conflito está não nas fronteiras entre pornografia e erotismo, mas na dificuldade da “cultura burguesa em lidar com a experiência pornográfica, intrinsecamente atravessada por uma radicalidade de confronto com o sexo” (FERREIRA, 2011, p. 55).

Dando continuidade aos aspectos históricos da pornografia, há um período de transição que corresponde ao surgimento da pornografia das massas; ele situa-se entre os anos 1960/70. É a partir desses anos que a pornografia se torna uma verdadeira indústria, ela “não é mais pensada apenas como uma agressão contra a ordem social: ela tende a se tornar um assunto privado, tolerado, a partir do momento em que não incomode os demais” (MAINGUENEAU, 2010, p. 94). Em certo sentido, a pornografia também foi tomada pelas ondas da liberdade sexual, principalmente no histórico ano de 1968; contudo, isso dura pouco, pois na década seguinte essa produção já começa a ser contestada pelos movimentos feministas (MAINGUENEAU, 2010).

Com a chegada da “era da internet”, a pornografia ganha alcance quase infinito. Qualquer um pode acessar um site pornô, que com garantia de discrição, pode ser visitado em qualquer ambiente. Isso “explica, sem a menor dúvida, a multiplicação dos debates sobre a influência nefasta que se atribui à pornografia” (MAINGUENEAU, 2010, p. 103). Agora a



pornografia não se assenta mais na clandestinidade, mas existe em paralelo ao “universo oficial” (MAINGUENEAU, 2010, p. 104). Ainda assim, a produção pornográfica enfrenta obstáculos quando se estende para além do aceitável, quando ultrapassa os limites do convencional e tolerável. Conforme vimos, sua história sempre se constituiu assim. De outro modo, discutir de forma profunda a pornografia e, por consequência o erotismo, demonstraria uma importante mudança na sociedade, que seria obrigada a rever uma história de mal-entendidos e censuras que mais colaboraram do que evitaram a exploração das representações da sexualidade.

3. REPERCUSSÕES DE UM ENCONTRO: ARTE E PORNOGRAFIA

Entre 2020 e 2021, devido à pandemia de Covid-19, estabelecimentos públicos e privados tiveram que fechar suas portas como medidas de prevenção contra o vírus causador da doença. Durante esse período houve, conforme a situação de cada lugar, a flexibilização para reabertura ao público. Essa é a causa que o maior site de pornografia da atualidade, o Pornhub, diz ter levado em conta na formulação de um projeto intitulado *Classic nudes* – o objetivo do projeto seria estimular o público do site a frequentar os museus, agora abertos novamente à visitação.

O projeto do Pornhub consistia em uma exposição virtual de dezenas de imagens de obras de arte que retratam nus, acompanhadas de descrições sobre as obras. Essas pinturas foram coletadas de diversos museus e galerias de artes do mundo, como o Louvre, de Paris; a Galleria degli Uffizi, da Itália; o Prado, da Espanha; a National Gallery, da Inglaterra. O projeto *Classic nudes*, entretanto, não se limitou a exibir obras de arte clássicas que continham imagens de corpos nus acompanhadas de textos explicativos,



mas foi além, criando pequenos vídeos de sexo explícito com atores pornôs encenando as referidas obras de arte.

A exposição logo ganhou destaque e foi noticiada pela imprensa. No entanto, ela não agradou em nada a maior parte das instituições de arte que tiveram suas obras usadas, primeiro por não terem sido notificadas do uso e segundo por terem seu nome ligado ao um site de pornografia. Assim, geraram-se várias queixas e processos dos museus contra o site, enquanto este se manteve em silêncio; nesse ínterim, a imprensa noticiava a “polêmica” entre os museus e o Pornhub. Esse “polêmico” encontro entre arte e pornografia retratado pela imprensa é que se constitui no objeto de investigação deste artigo.

O *corpus* se compõe de dez notícias, todas em formato online, publicadas em sites de jornais, revistas e blogs, no período de julho a agosto de 2021. As revistas e blogs têm relação mais ou menos direta com os campos envolvidos – o da arte e o da pornografia. O *corpus* foi estabelecido pelo critério “amostragem”, dado que há muitas notícias sobre o fato e as informações se repetem com regularidade. Optamos pelas primeiras notícias que acessamos após a leitura da matéria, que trazemos aqui, do jornal *El país*, publicada em agosto de 2021. O acesso se deu por meio de buscas no Google por outras notícias com uso das palavras-chave “Museus”, “Pornhub”, “quadro de nus”, “site de pinturas clássicas”. A realização da pesquisa foi motivada pela temática do erotismo e da pornografia, já investigada em pesquisas anteriores.

Após a coleta das notícias e a definição das que comporiam o *corpus* efetivo, as notícias foram organizadas em ordem cronológica de publicação e analisadas a fim de buscar regularidades de discurso. Esse gesto metodológico seguiu ao exposto anteriormente acerca do primeiro contato com o objeto



como parte inicial para a constituição dos fenômenos a serem analisados e interpretados e dos conceitos pertinentes a esse fim.

As primeiras notícias publicadas (julho de 2021, mês da inauguração da série) enfocam o projeto do Pornhub e seu objetivo, bem como fazem avaliações do projeto a partir de uma determinada perspectiva ideológica. Dias depois as matérias já passavam a girar em torno da “polêmica” entre a indústria líder do setor pornográfico e os museus de arte, principalmente os europeus.

Nesse movimento, destacou-se um conjunto significativo de aspectos discursivo-ideológicos que atravessam a questão do encontro entre arte e pornografia, os quais são abordados nas sessões a seguir.

4. PELA ÓTICA DA IMPRENSA

A proposta de unir arte e pornografia no projeto *Classic nudes* do site Pornhub reatualizou discursos que evocam, segundo a perspectiva particular de cada esfera da criação ideológica onde são constituídos, uma história, um lado, uma verdade, uma realidade. Para observarmos as relações e disposições de cada esfera nesse jogo discursivo, vejamos como se dispuseram nessa situação não somente a Arte (museus e outras instituições de artes) e a Pornografia (o Pornhub), mas, principalmente, a imprensa, que noticia, divulga e avalia esse acontecimento, visto que, consoante Volóchinov (2017), nenhum discurso é neutro, nenhuma palavra pode ser assumida sem antes ser recoberta pelo tecido ideológico construído ao longo da história social. Logo, cada enunciado concreto produzido pelas instâncias envolvidas (arte, pornografia e imprensa) é passível de análise e interpretação de suas relações dialógicas, que são o local por onde as ideologias e as compreensões que podemos ter das situações podem emergir e se estabelecer como produto



de uma sociedade, de uma classe, de um grupo social, como um discurso aceito ou negado em determinada cultura por destinados sujeitos.

5. A APRESENTAÇÃO DO CLASSIC NUDES

As notícias apresentam o *Classic nudes* como um “museu virtual” que se direciona para a exposição de pinturas de nus artísticos, movida pelo interesse no corpo despido como possibilidade do nascimento de um novo público, os “admiradores do corpo nu”, como coloca a revista *Desartes* (2021a), público este capaz de apreciar os corpos nus tanto na arte quanto na pornografia. O projeto do Pornhub é então interpretado na esfera da imprensa como um encontro entre dois mundos vistos como opostos, encontro possibilitado por um público novo a ser instituído.

A possibilidade de articular obras de arte e pornografia é abordada na esfera da imprensa de forma categórica: seja aprovando ou rejeitando, ela é uma criação decididamente pornográfica. Essa consideração se dá principalmente em relação à parte do projeto que consiste na encenação das obras em vídeos de conteúdo de sexo explícito. Contudo, há diferença no tratamento das duas partes do projeto. Começemos com as pinturas.

Segundo as definições dos conceitos de erotismo e pornografia que vimos acima, realmente a pintura do nu mais se aproxima do erótico do que do pornográfico, mas o que observamos nas notícias analisadas vai além disso. Por um lado, quando são apresentadas inicialmente somente ligadas aos museus de onde provém, são consideradas como arte elevada, bem qualificada e conhecida. Por exemplo, referenciam-se a elas como “obras-primas”, “obras-primas clássicas”, “pintura clássica”, “obras de arte”, “arte clássica”, “peças artísticas”, “quadros clássicos”, “grandes obras de arte



européia”, “surpreendentes obras-primas”, “obras de arte bem conhecidas”. Por outro lado, essas mesmas obras associadas ao projeto do Pornhub vão sendo identificadas principalmente pelo seu conteúdo erótico, ou seja, há um deslocamento do signo que inicialmente era abordado como “arte clássica” de um museu, passando a ser “arte erótica clássica” que compõe um site de uma “plataforma de conteúdo adulto”. Por isso, as obras passam a ser observadas principalmente como “nus clássicos”, “arte erótica clássica”, “guia erótico”, “passeio erótico”.

A outra parte da série destacada nas notícias, os vídeos de sexo que se desenrolam a partir das cenas das pinturas, é classificada como pornografia. Isto é, enquanto as obras ora são delegadas ao erótico ora à pornografia, os vídeos são somente atrelados à pornografia, ainda que “impressionantemente dirigidos de forma artística” (DESARTES, 2021a, s/p), são marcados como impróprios, e as matérias dão alertas quanto a isso, mencionam que são um conteúdo indevido para o espaço público, para menores de idade e incompatíveis com os livros de história da arte. Inclusive, o “conflito” para eles seria devido às reencenações das obras, os vídeos de sexo explícito, que se justificam como reveladores das verdadeiras intenções sexuais dos criadores das obras (METRÓPOLES, 2021, s/p), como podemos também ver na explicação que a Revista *Pequenas Empresas e Grandes Negócios* comenta acerca do projeto, ele “consiste em recriar e dar vida a grandes clássicos da arte por estrelas pornô, [...] [o que] provocou a ira dos museus europeus” (2021, s/p); e no jornal português JN Direto (2021, s/p) que avalia a situação como delicada desde o início, com as recriações, tudo tornou-se insustentável. Esse aspecto é o principal a ser destacado também no Jornal *El País* (2021), que foca nas falas dos representantes de museus



acerca do uso ilícito e imoral da arte, logo podemos analisar uma tendência conservadoras/centrífuga em algumas matérias.

Outra particularidade em relação à pornografia tanto das pinturas quanto dos vídeos e que constitui o projeto, é a convocação de opostos. As matérias tentam exprimir uma relação entre arte e pornografia quase constantemente por meio de seus sentidos opostos. Por exemplo, enquanto a arte é “chata”, “enfadonha”, “sem graça”, a pornografia é “sexy”, “vibrante”, “instigante”, a pornografia é apresentada como uma possibilidade de renovação da arte, para limites bem mais flexíveis em relação ao corpo, sexo, sexualidade. A tentativa de ressaltar o caráter sexual de onde geralmente não se espera ou se permite ser analisado seria o que inaugura essa série de pinturas e vídeos como um projeto “bem-humorado” ou como uma “polêmica” no mundo das artes.

Por fim, nota-se que a concepção que essas notícias de jornais, revistas e blogs têm sobre pornografia e erotismo corrobora a distinção que vimos a partir de Maingueneau (2010). O erótico é atrelado ao conteúdo sexual mais velado e modesto, portanto, mais bem aceito no discurso sobre espaços públicos e oficiais, como os museus. Já o pornográfico é concebido principalmente como sexo explícito, e, portanto, inconcebível de ser aceito nos discursos acerca desses mesmos espaços: ele é delgado à área privada, deve ser escondido das vistas da sociedade, o que o *Classic nudes* não obedece. Por isso suscita não apenas a ira dos museus, mas empreende um embate entre os sentidos que circundam as pinturas de nus.

6. O CLASSIC NUDES PARA O PORNHUB

O Pornhub fez a divulgação da série até o momento de sua abertura, depois nada comentou. Mesmo após os museus e galerias de arte manifestarem



desaprovação não vieram a público. Isso nos limita a analisar somente os discursos relatados sobre o site pelo Pornhub, pelas atrizes e diretoras do projeto e os enunciados do próprio site *Classic nudes* mencionados nas notícias.

Segundo as notícias analisadas, como dito anteriormente, o objetivo apontado pelo Pornhub foi o de “estimular o público a visitar, explorar e se apaixonar (ou cobiçar) instituições culturais” (DESARTES, 2021a, s/p), e para isso a multinacional escolheu obras que retratam o corpo nu, visto que esse seria o ponto de cruzamento entre o mundo da arte e o mundo da pornografia. Esse espaço de encontro entre esses dois mundos não se trata de uma formulação original do Pornhub, mas antes uma percepção do objeto signíco que é a pintura do nu. Como comenta a “célebre ex-atriz pornô húngaro-italiana Ilona Staller”, conhecida como “Cicciolina”, pertencente ao projeto, “algumas das melhores obras eróticas de todos os tempos não estão no Pornhub, mas sim em museus” (SPLASH, 2021, s/p). Ou seja, o que o *Classic nudes* provoca é uma pequena fenda por onde podemos vislumbrar a luta dialógica sobre o nu, a sexualidade e o sexo na materialidade discursiva das obras de artes. É por essa abertura que a série de nus olha, por exemplo, para o quadro “Vênus de Urbino”, de Ticiano, e diz “Como regra prática, tudo o que você vê em uma pintura clássica de nudez que não seja obviamente excêntrico... ainda tem a intenção de representar algo excêntrico” (DESARTES, 2021b, s/p). A legenda que analisa os detalhes da pintura como a flor vermelha, os lençóis amarrotados, a posição do corpo, conclui que tudo produz uma “carga erótica” à cena pintada. Ou na reencenação da “Vênus”, de Boticelli, pela Cicciolina, que diz ser esta “uma das cenas mais quentes da História” (JN DIRETO, 2021, s/p).



A questão dos sentidos do erotismo e do pornográfico não é menos complexa no contexto do Pornhub. Como vimos, a preferência para descrever as obras mencionadas acima está no campo lexical do erotismo, usam até mesmo o termo “erótica”. Mas, em outros momentos há o uso de termos em relação com o pornográfico. Como no convite feito pela atriz Asa Akira, que em seu perfil do Instagram, convida para irem com ela pelo tour de nus que possibilita pularem as “pinturas chatas” para conhecerem “as coisas pervertidas no Louvre, no Museu do Prado, no Museu d’Orsay, no Met e muito mais” (DESARTES, 2021b, s/p). As “coisas pervertidas”, como sabemos, são as obras de nus, enquanto as “pinturas chatas” são todas as outras que não retratam o corpo nu, tal como ela avalia a Monalisa, de Leonardo da Vinci. Em uma busca pelo dicionário online de língua portuguesa – DICIO, o significado apresentado para “pervertido” é de algo que se tornou mau, ligado à libertinagem, ao devasso e imoral. Consideramos que tais signos estejam mais associados ao campo semântico-discursivo do pornográfico, isso avaliado também segundo as distinções elaboradas e apresentadas por Maingueneau (2010). Desta forma, a pintura “pervertida”, seria aquela que é o oposto de uma pintura renomada como a Monalisa; ela é definida como algo que não é bom, que não se constitui segundo as normas da moral social, e, portanto, ela é pornográfica. No entanto, é exatamente o conteúdo julgado como “pervertido”, para a série de nus que é concebido como bom e bem avaliado, como apresenta uma das legendas do site, que propõe guiar e atravessar as “pinturas puritanas” para se chegar as “coisas boas; [as] representações do corpo nu em toda a sua glória artística” (JN DIRETO, 2021, s/p).

Por fim, vale analisarmos outro enunciado de Cicciolina como representante do Pornhub, portanto, da esfera da pornografia. A atriz toca diretamente no ponto que central do fato, a relação entre arte e pornografia e suas fronteiras. Ela comenta que “muitos não consideram pornografia como arte”, este enunciado está em diálogo com o que veremos nos discursos dos representantes dos museus, que nas matérias ressaltam que mesmo se o Pornhub tivesse solicitado autorização dificilmente seria permitido e que a associação entre os museus e o site de pornografia era algo totalmente indesejado (PEQUENAS EMPRESAS E GRANDES NEGÓCIOS, 2021, s/p). O que significa que, mesmo essa não sendo uma resposta direta aos processos e queixas dos museus, esses discursos (de Cicciolina e dos representantes dos museus) estão em embate na arena ideológica. Cicciolina exhibe a contraditória história da pornografia no Ocidente, que oscila entre o oficial e o não-oficial, que existe em tensão com os discursos centrípetos que sufocam sua existência. Continuando, após a negação da existência da pornografia por uns, ela afirma que mesmo assim “algumas artes são pornografia”, pois essas artes versam temáticas que também pertencem ao universo pornográfico, é inegável que o acervo cultural das pinturas clássicas de nus é construído em contato com o erótico, a sexualidade, o sexo, e, em certo ponto pode ser também pela pornografia.

7. A RECEPÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ARTES

As instituições de artes que se manifestaram quanto ao projeto *Classic nudes* foram principalmente da Europa. Através dos porta-vozes dos museus e galerias, noticiou-se o que os jornais e revistas chamaram de “polêmica”, “guerra”, “revolta”, “desconforto”, “irritação”, “oposição”, “escândalo” entre o

mundo das artes e a líder da indústria pornográfica. Inclusive, o conhecimento da série do Pornhub se deu para alguns museus, como o Prado (Espanha), através de notícias na imprensa.

Segundo as notícias, a revolta dos museus se deu principalmente por dois fatores: primeiro, o Pornhub não consultou nenhuma instituição de arte para pedir aval para utilizar as imagens das obras e, portanto, essas instituições “não ganharam nenhuma quantia em troca da exibição das telas das quais são, afinal de contas, proprietários” (AH, 2021, s/p), visto que a depender do país e de suas leis, esse uso poderia ser cobrado. Segundo, os museus não querem associação nenhuma com um canal de pornografia, principalmente, conforme o que se diz nas matérias, com um site que já sofreu diversos processos por abrigar e disponibilizar conteúdo sexual sem consentimento dos envolvidos, assim, essas instituições em nenhum momento tiveram a chance de escolher estarem ligadas ou não a essa empresa. O projeto dos nudes clássicos é avaliado, assim, na esfera da arte como uma questão judicial e nunca estética ou temática (tal como nas esferas da imprensa e da pornografia).

A principal oposição ao *Classic nudes*, mencionada nas notícias, foi a impetrada pela Galleria degli Uffizi (Itália). Esta instituição avalia a exposição e recriação das obras como “totalmente ilegal”, para isso se valendo do discurso da esfera jurídica, pois na “Itália, o código do patrimônio cultural prevê que para usar imagens de um museu, obras compactadas para fins comerciais, é necessário ter a permissão, que regulamenta os métodos e fixa a taxa relativa a ser paga”, como o representante dessa instituição afirmou, segundo a revista *Desartes* (2021b, s/p). Podemos analisar esse discurso em particular como de concepção centrípeta, pois organiza e define o que pode e



como pode circular essas obras na sociedade, além de que ele é mencionado pela Uffizi como argumento validador de sua posição, ou seja, por ser um discurso da esfera do direito, dificilmente poderá ser contestado.

Entre queixas e processos, outras instituições, como a National Gallery (Inglaterra), não comentam sobre o caso com a justificativa de não querer atrair mídia para o Pornhub e tornar a situação um caso internacional. Já o Metropolitan Museum of Arte – Met (Estados Unidos), é a única instituição artística, mencionada nas matérias, como a do jornal Ípsilon (2021, s/p), que apenas declarou não poder e não querer controlar o diversificado uso de suas coleções de obras que estão disponíveis de forma livre e gratuita. Talvez esse seja o único discurso dentro da esfera da arte, nesta situação, que não se sustenta em formas de controle, mas destaca o uso diverso que a obra de arte pode ter. No discurso desta instituição, nota-se uma tendência às forças centrífugas quanto à questão do contato entre arte e pornografia.

No mês de agosto algumas obras e vídeos foram retirados do site veiculado pelo Pornhub, sendo algumas delas do Prado (Espanha). Assim, seus funcionários se mostraram “satisfeitos” com essa medida, pois acreditam terem coroadado a defesa que fizeram pelo “valor da arte acima de aproveitamentos cínicos e espúrios” (PACHO; PERREYRA, 2021, s/p) por parte do Pornhub. Segundo a matéria do El País (PACHO; PERREYRA, 2021, s/p), os representantes do Prado, ao demonstrarem o descontentamento com o projeto, que vieram a saber através da imprensa, foi com o objetivo de “manter a marca livre de companheiros de viagem não solicitados” e mais, para esses funcionários a questão “não se trata de um caso de pudor”, e sim de deter o “tratamento cínico e oportunista do patrimônio artístico universal”, evitando que aproveitadores obtenham ganhos através de um



patrimônio que é de todos, pois concluem que verdadeiro objetivo do Pornhub “era obter publicidade gratuita e atenção” (PACHO; PERREYRA, 2021, s/p). Nos discursos relatados dos representantes do museu do Prado, ressalta-se a promoção que o canal Pornhub tem com a série de nus, mas, além disso, é interessante a menção de “não se trata de um caso de pudor” como tentativa de antever a compreensão dos interlocutores, querem imprimir que não se importam com a obra retratando o corpo nu, mas também não querem estar associados a um site de pornografia que pode ter lucros com isso. É evidente que tais lucros existem, contudo, a associação da pornografia ao comércio é um discurso que foi empreendido através da história da pornografia, que, como vimos no breve percurso do discurso pornográfico, esse desenvolvimento na sociedade moderna é atrelado à ideia de “mercadoria participando, nesse sentido, do mundo capitalista e da modernidade” (FERREIRA, 2011).

CONCLUSÃO

O discurso da pornografia, seja qual for sua materialidade (pictórica, escrita, cinematográfica etc.) é um discurso delicado, pois está diretamente ligado à sexualidade. Como vimos, as repercussões do encontro entre arte e pornografia que se desenvolveu na esfera da imprensa sobre o projeto *Classic nudes* e a posição de instituições artísticas, mostraram como a sociedade moderna ocidental encara o que acentua axiologicamente como pornográfico ou erótico, principalmente aqueles que podem estar situados em espaços/discursos/ideologias oficiais. Delegada ao proibido, escondido, privado, não-natural e imoral, quando posta sob os holofotes dos debates que circulam socialmente, a pornografia torna-se inconveniente e incômoda, pois, conforme as análises acima, é desagradável olhar para o espaço público



e reconhecer nele um espaço para manifestação do sexo, desejo e excitação com algo julgado como parte da história, uma história clássica e elevada.

Por um lado, é necessário evidenciar as intenções capitalistas que a empresa do Pornhub teve sob esse projeto. No entanto, por outro lado, até mesmo esse fato está encoberto pelos discursos que reprimem a pornografia. Em certo ponto da história moderna, pornografia e comércio foram atrelados, o que provocou a inserção do discurso pornográfico na esfera do capital (FERREIRA, 2011). Assim, sexo, sexualidade, quando postos como formas de representação da realidade são concebidos associados à ideia de venda, troca, lucro.

As análises aqui empreendidas não se pretendem únicas acerca da questão investigada, pois os discursos mudam, acionam outros, enfraquecem-se e de repente ganham força e visibilidade novamente. Por exemplo, logo após o caso aqui analisado, em outubro de 2021 temos a notícia de que galerias de Viena têm um perfil na plataforma de conteúdo adulto OnlyFans como forma de protesto à censura dos algoritmos das redes sociais por onde tentavam publicar as imagens de nus e eram constantemente derrubados por serem classificadas como pornográficas, já que retratam partes do corpo nu. O que nos leva a concluir que o “desconforto” dos museus e galerias, nessa situação, está fundamentado em discursos centrípetos acerca da pornografia. Não condenamos seus posicionamentos, não se trata de quem está certo ou errado, mas de analisar os discursos e revelar os aspectos do embate ideológico entre forças que tendem ao monologismo e as forças que tendem à pluralidade discursiva. Ainda que a intenção dos idealizadores do *Classic nudes* tenha se destinado à excitação de seu público, como enunciado concreto que se desenrola na cadeia dialógica, este artigo objetiva despertar e permitir a abertura para novos sentidos e debates acerca da pornografia.



REFERÊNCIAS

AVENTURAS NA HISTÓRIA. ‘Nudes Clássicos’ no mundo virtual: conheça a nova – e polêmica – iniciativa do Pornhub. **AH: aventuras na história**. 24 jul. 2021. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/porno-em-museusno-mundo-virtual-conheca-a-nova-e-polemica-iniciativa-do-porn-hub.phtml>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: editora 34, 2016.

_____. **Teoria do romance: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BARROS, D. L. P. de. “Dialogismo, polifonia e enunciação”. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 1-9.

BRAIT, B. “Análise e teoria do discurso”. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.

CÉ, J. P.; Pizzinato, A. “Relações de prazer em análise textual: o discurso pornográfico”. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 728-730, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/Vny9vnXjkV3rTT85kYDPWdt/?lang=pt>>. Acesso em: 05. jan. 2022.

DASARTES. Louvre aciona advogados por reconstituições pornográficas de obra. **Dasartes**. 22 jul. 2021b. Disponível em: <<https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/louvre-aciona-advogados-por-reconstituicoes-pornograficas-de-obra/>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

_____. Pornhub cria tours “Clássicos Nudes” em coleções de museus. **Dasartes**. 15 jul. 2021. Disponível em: <<https://dasartes.com.br/de-arte->



a-z/pornhub-cria-tours-classic-nudes-em-colecoes-de-museus/>. Acesso em: 27 ago. 2021.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, D. W. Pornografia: contornos sócio-históricos do vocábulo em língua portuguesa. **(In)Visível**, p. 47-57, set. 2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/281866927/Daniel-Ferreira-Pornografia-contornos-Socio-Historicos-Do-Vocabulos-Em-Lingua-Portuguesa>>. Acesso em: 28 dez. 2021.

GRILLO, S. “Esfera e Campo”. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 134-16-0.

GRILLO, S. “Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX”. In: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grilo e Ekaterina Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-79.

ÍPSILON. Pornhub retira recriações eróticas de obras do Louvre, dos Uffizi e do Prado. **Ípsilon**. 13 de ago. 2021. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2021/08/13/culturaipsilon/noticia/pornhub-retira-recricoes-eroticas-obras-louvre-uffizi-prado-1974079>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

JN DIRETO. Site pornográfico mostra arte, museus entre o desconforto e os tribunais. **JN Direto**. 26 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.jn.pt/artes/site-pornografico-mostra-arte-museus-entre-o-desconforto-e-os-tribunais--13974571.html>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

MAINGUENEAU, D. **O discurso pornográfico**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editora, 2010.



MARCHEZAN, R. C. “Diálogo”. In: Beth, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-131.

MÉTRÓPOLES. Entenda a polêmica que envolve o Pornhub e o museu do Louvre. **Metrópoles**. 25 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/pouca-vergonha/entenda-a-polemica-que-envolve-o-pornhub-e-o-museu-do-louvre>>. Acesso em: 29 dez. 2021.

PACHO, L.; FERREYRA, J. P. A guerra dos museus europeus contra site pornográfico ‘Pornhub’. **El País**. 21 ago. 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2021-08-21/a-guerra-dos-museus-europeus-contra-o-site-pornografico-pornhub.html?utm_source=Facebook&fbclid=IwAR10iJigJToLoSdeT5-DXHIq2Xi9iBV1QxD7b3IzSPEvY__zEmrkQZVfCPw#Echobox=1629577270>. Acesso em: 27 ago. 2021.

REVISTA PEGN. Louvre processa Pornhub por site reencena quadros clássicos com cenas de nudez. **Revista Pequenas Empresas e Grandes Negócios**. 22 de jul. 2021. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Negocios/noticia/2021/07/louvre-processa-pornhub-por-site-que-reencena-quadros-classicos-com-cenas-de-nudez.html>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

SOUZA, T. S. de A. **Delta de Vênus**: análise do discurso erótico/pornográfico na obra de Anaïs Nin. 2013. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SPLASH. Pornhub incentiva ida a museus para ver ‘quadros eróticos’ e Louvre ameaça processar. **Splash**. 21 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ansa/2021/07/21/pornhub-incentiva-ida-a-museus-para-ver-quadros-eroticos-e-louvre-ameaca-processar.htm>>. Acesso em: 3 nov. 2021.

TILT. Tirem as crianças da sala! Pornhub lança museu virtual de ‘nudes clássicas’. **Tilt**. 22 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/>>



noticias/redacao/2021/07/22/pornhub-lanca-museu-virtual-de-nudes-classicas-com-releituras-em-videos.htm>. Acesso em: 30 ago. 2021.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grilo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

